

# 11

## Sexualidade do casal classe média alta na gestação e no pós-parto sob a ótica feminina\*

**Juliana Orrico Viana Vilar:** juorrico@gmail.com.br

CV: <http://lattes.cnpq.br/0657577801239196> - Graduada em Psicologia pela Universidade Salvador (2005); Pós-graduada em Psicologia Conjugal e Familiar pela Faculdade Ruy Barbosa (2007); Pós-graduada em Docência do Ensino Superior pela Universidade Salvador (2006); Terapeuta Sistêmica formada pelo Instituto Humanitas (2006); Mestre em Família na Sociedade Contemporânea/UCSal.

**Elaine Pedreira Rabinovich:** elainepedreira@gmail.com

CV: <http://lattes.cnpq.br/1594550972937138> - Psicóloga, Doutora Psicologia Social, IP/USP, Profa. do Programa de Pós-Graduação em Família/UCSal.

\* Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea, Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2011. sob orientação da segunda autora.



# BSTRACT RESUMO ABSTRACT RESUMO ABSTRACT

**Resumo** Na contemporaneidade, a conjugalidade assume um aspecto paradoxal, pois os casais desejam ter uma vida conjugal pautada pela valorização do sentimento em detrimento do vínculo institucional, ocorrendo, também, uma busca por alto desempenho sexual. Dentro desse quadro, muitos casais adentram na parentalidade com grandes mudanças em suas vidas. Assim, a proposta desta pesquisa foi estudar a dimensão da sexualidade do casal na passagem para a parentalidade. O desenho da investigação foi qualitativo empregando-se análise de conteúdo para responder às questões que nortearam o trabalho. Foram realizadas seis entrevistas semi-estruturadas, três presenciais e três virtuais, com mulheres de classe média alta, cujos filhos tinham idade de 0 a 2 anos, concluindo-se pelas seguintes categorias analíticas: mudanças na sexualidade durante a gravidez; relação com o corpo no pós-parto; sexo após o parto. Com respeito à gravidez e à vida sexual pós parto, a análise das entrevistas indicou que a comunicação entre o casal foi importante para lidar com a vida sexual. O pós-parto foi marcado pelo desinteresse sexual da mulher devido a questões fisiológicas e psicológicas. Destaca-se a grande preocupação feminina com a aparência do corpo como inibidora do prazer sexual. Sugerem-se pesquisas futuras com os parceiros masculinos do casal.

**Palavras Chave** Sexualidade; Casal; Gravidez; Pós-Parto.

**Abstract** In contemporary world, conjugality takes a paradoxical aspect, since couples wish to have a conjugal life valuing sentiment at the expense of institutional affiliation, also searching for high-performance sexual. Within this framework, many couples go to the stage of parenting leading to great changes in their lives. Therefore, the proposal of this research was to study the dimension of sexuality in the couple's passage to parenthood. The design of the research used the qualitative method of content analysis to answer the questions that guided the work. Six semi-structured interviews were conducted, three personally and three virtually, with women from upper middle class, with children until 2 y-o, with no significant differences between the two approaches, concluding for three analytical categories: changes in sexuality during pregnancy; relation to the body after deliverance; after birth sex. Regarding pregnancy and after birth sexuality, communication between the couple was an important issue. As to sexuality, after labor was emphasized by women as a period of no sexual interest due to physiological and psychological issues. It was specially noted the great feminine concern related to the body appearance which inhibited sexual pleasure. Future research with the masculine partner of the couple is suggested.

**Abstract** Sexuality; Couple Dynamics; Pregnancy; After Labor.



## INTRODUÇÃO

O objetivo do presente trabalho foi estudar a dimensão da sexualidade do casal na passagem da conjugalidade para a parentalidade, compreendendo, pela perspectiva feminina, como cada casal se comporta nesta transição e como reage à chegada do primeiro filho.

As mudanças pelas quais tem passado a família, evoluindo de uma família onde o casamento era valorizado para se transformar em um espaço privado a serviço dos indivíduos (SINGLY, 2010), e em que as transformações econômicas e mercadológicas ocasionadas pelas reformas do capitalismo gerando a lógica capitalista pós-moderna geram a liquidez dos vínculos e das relações cotidianas (BAUMAN, 2003), refletem-se necessariamente no modo como o casal vivencia e manifesta a sua sexualidade. Parte importante de tais mudanças veio no bojo do que se convencionou denominar “revolução feminista”. Porém, como inúmeros estudos apontam, as mulheres continuam sendo as principais cuidadoras dos filhos e da moradia. (BRASILEIRO, JABLONSKI & FÉRES-CARNEIRO, 2002).

A transição para a parentalidade acarreta maiores mudanças nesse sistema. É o momento em que os membros do casal deixam de ser apenas cônjuges e passam a ser pai e mãe também. É um momento difícil no qual cada casal vai operar de uma determinada forma, criando padrões de interação e comunicação entre si e agora em relação ao filho (McGOLDRICK, 1995).

Deste modo, pareceu-nos oportuno adentrar na problemática das referidas mudanças pela via do relacionamento sexual conjugal associado à parentalidade recente, isto é, como as mães de filhos pequenos relatam a vida sexual do casal durante a gestação e após o parto. Considerando os casais de estratos sócio-econômicos superiores ocidentais, pode-se dizer ter havido um modelo familiar hegemônico do final do século XIX e início do século XX: uma família “ideal”, a nuclear, composta por pai, mãe e filhos, na qual o pai era a figura de autoridade e o provedor, cabendo à mulher o papel de “rainha do lar” (PERROT, 1991).

Até a primeira metade deste século, casar significava ter filhos e constituir família (DINIZ, 2009). Para um grande número de mulheres, o casamento seria a única forma permitida de ter acesso à vida sexual. Entretanto, este modelo de família começa a perder sua força na segunda metade do século XX quando acontecimentos marcantes acarretaram grandes mudanças. Por questões políticas de controle de natalidade, estabeleceu-se no Brasil o uso da pílula anticoncepcional e do DIU (Dispositivo Intra Uterino). Desta forma, a ciência contribuiu para a emancipação do desejo de ter filhos da mulher, desvinculando-o do desejo do homem e das obrigações do casamento (TEIXEIRA, PARENTE & BORIS, 2009). Nesse



contexto, a sexualidade surge como tema preponderante, rompendo tabus e permitindo o prazer sexual às mulheres sem o risco da gravidez. Estas começam a se olhar de outra forma questionando a sua posição na sociedade e na família (SARTI, 2004) em um processo denominado emancipação feminina e de relações predominantemente igualitárias ou, pelo menos, mais democráticas no casal.

Diante desse panorama Roudinesco (2003) aponta o surgimento de diversos arranjos familiares - famílias co-parentais, monoparentais, pluriparentais, biparentais, homoparentais - indicando a família horizontal, fraterna, múltipla, marcada pelo individualismo moderno, influenciada pela ciência, ocorrendo mudanças nos seus papéis com homens mais maternos e as mulheres escolhendo quando e quantos filhos desejam.

De fato, atualmente, para se definir uma família, é necessário situá-la no tempo e no espaço. Dinâmicas externas e internas fazem dela uma metamorfose constante. Segundo Touraine (1999, p. 120), o mundo moderno tende a ter indivíduos que se concebem “a si mesmo como ator... aquele que modifica o meio no qual está inserido”. Assim, as novas concepções de famílias podem ser caracterizadas como compostas por indivíduos que buscam a cada instante “se encontrar” e questionam suas posições sociais dentro da família e fora dela. Formam vínculos de maneira rápida e o desfazem com a mesma facilidade com que os formaram (GIDDENS, 1993; JABLONSKI, 2003).

Se a conjugalidade já acarreta grandes mudanças na vida de dois indivíduos, a parentalidade traz novas mudanças a nível sócio-econômico e cultural, como também uma maior valorização da circularidade das relações (conjugais, familiares) quando desta experiência desenvolvimental, qualitativamente diferente de todas as restantes. Impõe, por um lado, a nível individual, a revisão dos papéis da infância e dos modelos de interação observados com e entre os pais, e, por outro lado, ao nível do casal, a reorganização das modalidades anteriores de relacionamento e a preparação para a tarefa conjunta de cuidar do bebê (SILVA & FIGUEIREDO, 2005). De fato, para Brasileiro, Jablonski e Feres-Carneiro (2002), a transição para a parentalidade é uma das transições mais críticas para o casal.

Contudo, embora muitos trabalhos estejam disponíveis sobre a conjugalidade, pouco é encontrado sobre a sexualidade em sua relação com a conjugalidade e com a parentalidade.

A gravidez é um processo biológico que repercute no aspecto social, econômico, emocional, psicológico e sexual do homem e da mulher (ORLÁ, ALVES & SILVA, 2004). Na gravidez, muitos adultos já se sentem pais e mães, sendo nesta fase que se criam sonhos e expectativas diante do novo que há por vir que é a criança. Essa fase gravídica pode tornar-se um momento marcante na vida do casal; porém, vem acompanhada



por mudanças bruscas que podem acarretar numa crise conjugal.

O período gravídico traz muitas mudanças internas e externas ao corpo da mulher, que se prepara para assimilar os novos ritmos metabólicos, hormonais e fisiológicos. As alterações biológicas e físicas passam por variações ao nível de secreção hormonal, da estrutura e da função dos órgãos reprodutores (SILVA & FIGUEIREDO, 2005).

Simultaneamente, o casal, ao se descobrir grávido, procura assimilar suas crenças a esta nova realidade e realizar vários re-arranjos, tanto físico-espaciais quanto sócio-psicológicos. Nesta fase, o casal vai lidar também com as novas despesas que antes não existiam na vida a dois: a compra do enxoval do bebê, a arrumação do quarto, os exames periódicos da mulher e, em alguns casos, a mudança para um novo lar que comporte mais um integrante da família.

Por isso, Maldonado (1997) afirma que a gravidez pode integrar e aprofundar o relacionamento conjugal, como também pode romper uma estrutura frágil e neuroticamente equilibrada; por exemplo, quando a mulher quer excluir o marido de sua vida ou quando o homem sente intensos ciúmes do filho que vai nascer da mesma forma que sentiu em relação aos irmãos mais novos. Ou ainda quando a mulher não superou sua dependência infantil em relação à própria mãe, ou até por se sentir inferior enquanto mulher. Sendo assim a gravidez um motivo de desequilíbrio para o casal.

A partir das considerações acima, tomamos por objeto de estudo a transição da conjugalidade para a parentalidade, focalizando a vida sexual do casal. Assim, este trabalho tem como objetivo geral estudar a dimensão da sexualidade do casal na passagem da conjugalidade para a parentalidade e como objetivos específicos identificar as implicações da chegada do primeiro filho na vida sexual do casal atual segundo a ótica da mulher e analisar os aspectos psicológicos e psicossociais envolvidos no processo gravídico e da parentalidade na vida do casal segundo a ótica da mulher.

### **Conjugalidade nos tempos atuais**

Enquanto há 30 anos atrás, a mulher estava destinada apenas à esfera doméstica (Gomes & Resende, 2004), a mulher brasileira contemporânea de classe média, quando mãe de família caracteriza-se, atualmente, pela necessidade de ter uma "dupla-jornada" de trabalho, que envolve responsabilidades domésticas e provisão material da família (DANTAS-BERGER & GIFFIN, 2005). Porém, a mudança de hábitos não acompanha o ritmo da transformação de valores e o homem foi surpreendido pela ruptura da hierarquia doméstica e pelo constante questionamento de sua autoridade (RESENDE, 1997).

O afastamento do modelo tradicional de conjugalidade e, conseqüentemente, a flexibilização e abertura para explorar



novas formas de relacionamento, caracterizam o momento atual. O casal contemporâneo busca hoje no casamento, além de filhos, a realização pessoal, cumplicidade e companheirismo (DINIZ, 2009). Nesse sentido, de acordo com Perlin e Diniz (2005), em pesquisa sobre a satisfação no casamento de homens e mulheres que optaram por relacionamentos de duplo trabalho, o casal contemporâneo busca alcançar o sucesso e a satisfação financeira e sexual. Como hoje a maioria dos casais tem "dupla jornada" de trabalho, considera atingível esta construção do patrimônio familiar. "Já a realização sexual fica comprometida pela carga de controle, prescrições, estereótipos de gênero e conflitos de valores que cercam a vivência da sexualidade" (DINIZ, 2009, p.144).

A contemporaneidade é marcada por mudanças nas representações, nas práticas e nas identidades sexuais. Os fatores que desencadeiam estas mudanças são: a crise na família nuclear, a autonomia da mulher e sua entrada no mercado de trabalho, a sexualidade não mais vista apenas para reprodução e uma política de visibilidade da homossexualidade (FERES-CARNEIRO & ZIVIANI, 2009).

Nichilo (1995, p. 155) verificou que "em toda união conjugal há dois casamentos, o dele e o dela, nem sempre coincidentes". Numa crise conjugal, as mulheres ficam mais frustradas que seus maridos, e acabam vivendo o sexo como obrigação, e a maternidade, como solidão.

Uma marca do casamento atual é que homens e mulheres são exigidos e exigem-se demasiadamente para atender as demandas que muitas vezes são conflitantes, como as demandas de participação e sucesso no mercado de trabalho, de valorização e apoio pelo crescimento individual do(a) parceiro(a) (DINIZ, 2009).

### *A chegada do primeiro filho e a sexualidade do casal*

O nascer do primeiro filho ocasiona uma mudança de identidade social e pessoal, em que há uma mobilização de memórias pessoais e representações sócio-culturais que podem ou não caminhar na mesma direção para os membros do casal. Cada membro do casal é obrigado a construir novas significações dado a sua identidade ter se tornado "incerta" e a realizar aprendizados quanto ao modo de lidar com a novidade que este nascimento representa. De acordo com Carter e McGoldrick (1995), o espaço para os filhos na vida do casal contemporâneo é difícil de criar, já que a força de trabalho se tornou mais equilibradamente povoada por homens e mulheres e não houve uma considerável reavaliação da vida doméstica. Os homens muitas vezes se entusiasma mais com a gravidez do que com suas esposas, porque a mulher hoje está mais consciente de sua sobrecarga de papéis.

Porém, pode-se supor que alguns casais de nível sócio-



econômico médio conseguem se ajustar e programar a chegada do primeiro filho. A maioria já estabeleceu um bom nível econômico e uma satisfação profissional. Viajam e conseguem ter tempo para o casamento, para a individualidade e para o círculo social. Quando resolvem ter um filho, percebem que têm que abdicar de algumas coisas durante certo tempo (BAWIN-LEGOS, 2006).

Na gravidez, a mulher já apresenta uma alteração hormonal. Muitas mulheres apresentam falta de libido, o que leva a uma ausência de vida sexual do casal, acompanhada de culpa e de preocupação por não estar satisfazendo o marido.

Depois do nascimento do bebê, o primeiro trimestre é considerado como quarto trimestre da gravidez. Durante este período, ocorrem mudanças endócrinas abruptas, que levam a mudanças no afeto e instabilidade que tornam a nova mãe mais vulnerável à resposta de seu marido, da família ampliada e de seu bebê (BAWIN-LEGOS, 2006).

Muitas vezes, a chegada de um filho pode fazer com que a mãe sintase ignorada e isolada, sobrecarregada com a maior complexidade das tarefas e relacionamentos. Alguns esposos acabam interpretando a aparente falta de interesse de suas esposas como rejeição, ou deixam de perceber o exaustivo trabalho que elas realizam. Ambos acham que não há um reconhecimento de seu valor pelo outro (CARTER & MCGOLDRICK, 1995), ocorrendo falta de comunicação do casal. Quando isto acontece, a vida sexual do casal também acaba entrando em crise. Casais que não conseguem se comunicar e demandas sexuais estão inter ligadas. Nichilo (1995) considera que quando a comunicação no casal apresenta ruídos, para evitar o conflito, seus membros podem se isolar.

Como fonte potencial de conflito ante o nascimento de um filho, o homem atual sente-se inseguro quanto à postura da mulher contemporânea, mais segura e independente emocional e financeiramente. Desta forma, o que era para ser uma fonte de prazer passou a ser um fator estressor também (DIEHL, 2002).

Na mesma direção, Féres-Carneiro (2011), baseada em pesquisas e estudos na área conjugal, tantos homens quanto mulheres relataram uma redução da atividade sexual ante o nascimento de um filho face às excessivas cargas de trabalho dos cônjuges.

## **METODO**

Uma amostra intencional foi constituída por seis mulheres, com idades entre 27-37 anos, de nível educacional superior (graduação e pós-graduação), classificados sócio-demograficamente como classe média-alta, residentes na cidade de Salvador, com o filho primogênito de idade de 6 meses-2 anos. Esta faixa corresponde aos anos em que a mulher, em geral, tem de se dedicar especialmente aos cuidados com a



criança. Seus companheiros apresentaram idades de 29 a 41 anos, escolaridade no nível superior completo, e profissões variadas.

Os dados foram coletados através de entrevistas individuais, com roteiros semi-estruturados consistindo em dados sócio-demográficos, contribuição econômica, tempo de namoro e casamento, decisão de ter filho, mudanças durante a gravidez, uso de concepção pós parto, amamentação, o que mudou na vida do casal, dedicação de cada parceiro à criança e aos afazeres doméstico. Três entrevistas foram realizadas de modo presencial e três entrevistas foram realizadas on-line, por meio de e-mail.

Em ambos os procedimentos, o acesso às participantes ocorreu pela técnica da “Bola de Neve” em que uma participante indica a seguinte, sendo a primeira do conhecimento da pesquisadora. Este procedimento é indicado devido à pesquisa levantar questões referidas à intimidade da pessoa.

Utilizou-se o método qualitativo de análise de conteúdo. De acordo com Flick (2009), a entrevista qualitativa não escapa aos efeitos da revolução digital e tecnológica do início do século XXI. Muitas atividades laborais têm utilizado a internet para as suas manobras. As pessoas utilizam os e-mails e salas de redes sociais para se comunicar. Algumas das entrevistadas inclusive, ao serem convidadas a participar da pesquisa, solicitaram ser por e-mail porque se sentiriam mais à vontade para falar livremente e sentiam que “falariam” mais do que ao vivo. Porém, a entrevista on-line deve ser organizada de uma forma diferente da entrevista ao vivo. Flick (2009) sugere que se planeje a coleta de dados de uma forma mais interativa, enviando uma primeira pergunta e, depois de respondida, enviando as subsequentes, sendo realizadas várias trocas de emails no modo aproximado de um “diálogo”.

Na presente pesquisa, o método da pesquisa qualitativa online trouxe vantagens como: o acesso a participantes de diferentes localidades num mesmo tempo; a facilidade de obter mais dados conforme o estudo foi evoluindo; e um espaço de total privacidade onde as entrevistadas se sentissem livres e confiantes para falar.

Após os contatos iniciais por telefone, em que foi explicado sucintamente o objetivo do estudo, entrevistas foram agendadas de acordo com a possibilidade oferecida pela interlocutora. Antes da entrevista, esta leu e assinou o Termo de Comprometimento Livre e Esclarecido. A análise buscou responder aos itens indicados como objetivos específicos por meio de análise de conteúdo (FLICK, 2009). É importante ressaltar que devido à técnica Bola de Neve ter sido o modo de acessar as participantes, alguns dados pessoais foram alterados para que as entrevistadas não fossem identificadas, preservando a sua privacidade. Também na busca da manutenção da não identificação das entrevistas, suas falas não foram indicadas por



meio de signos.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após uma leitura sistemática e detalhada das entrevistas, emergiram as seguintes categorias de análise: Mudanças na sexualidade durante a gravidez; Relação com o corpo no pós-parto; Sexo após o parto.

### *Mudanças na sexualidade durante a gravidez*

Esta categoria englobou os elementos das entrevistas relacionados às mudanças na sexualidade durante a gravidez.

Duas entrevistadas relataram que houve um aumento de libido na gravidez.

"A qualidade da relação foi igual. Na gravidez minha libido aumentou... minha barriga não o incomodava."

"Na relação sexual, nós não tivemos problema, pelo contrário, em muitos momentos fiquei com a libido alta."

Em um caso, o marido se recusou a ter sexo com medo de machucar o bebê, mesmo o médico dizendo que não existiam problemas para o feto.

"Ele mesmo sendo louco por sexo, me surpreendeu. Ele não queria de jeito nenhum porque tinha medo de machucar o bebê."

De acordo com Sueiro, Gayoso, Perdiz e Doval (1998) citados por Silva e Figueiredo (2005), a frequência sexual e o desejo sexual não são afetados pela gravidez. Ocorrem mudanças ao nível do comportamento sexual, nomeadamente ao nível das posições de coito. Verificam ainda que, em alguns casos, o coito é substituído pela masturbação e pela introdução de práticas sexuais gratificantes para ambos os conjugues. De fato, a qualidade do relacionamento da grávida com o companheiro depende de um conjunto múltiplo de circunstâncias como a qualidade do relacionamento com e entre os pais durante a infância, o estilo de vinculação e a presença de sintomatologia psicopatológica (FIGUEIREDO, COSTA & MARGARINHO, 2006). Como não foi pesquisada a história anterior quer dos cônjuges quer da própria conjugalidade, não possuímos elementos para corroborar ou negar os aspectos apontados acima, embora, conforme visto acima, foram observadas diferenças no modo de lidar com a sexualidade durante a gravidez.



### *Relação com o corpo no pós-parto*

Esta categoria de análise agrupou os relatos das entrevistadas referentes à sua relação com o seu corpo após o parto, enfocando também sua perspectiva a respeito da posição masculina quanto ao mesmo tema.

"...me sentindo apenas mãe e provedora de leite, envergonhada com minha barriga mole, cicatriz de cesárea, vazamento de leite, cheiro de leite..."

"Não me sentia bem com meu corpo. O peso já tinha ido embora, mas a barriga ficou bastante esquisita. Me sentia horrível".

Maldonado (1997) aponta que um dos maiores temores da gravidez em mulheres do mundo inteiro está relacionado às alterações do corpo. Destaca o medo da irreversibilidade, de não acreditar que o mesmo corpo que se amplia para abrigar o conceito, teria a capacidade de voltar ao aspecto anterior à gravidez e o temor de tornar-se outra pessoa devido à experiência da maternidade, acabando por ter mais perdas do que ganhos.

Assim, o pós-parto pode, além das relações de cuidado da mãe para com o bebê, é um momento de cuidado com a parturiente: cuidados com a cicatrização, com os seios que agora são fonte de alimento para o bebê, com o cansaço, com as novas exigências, etc.

No entanto, atualmente, as mães de classe média alta apresentam uma nova demanda, que é a preocupação exacerbada em voltar à sua antiga forma.

"...preocupada com meu corpo..."

"No Brasil não basta ser magra. A mulher tem que ser sarada, definida, sensual. Mais do que boa mãe, profissional competente e esposa cuidadosa, ela tem que enfrentar o "quarto turno" da academia, correndo atrás de um corpo sempre inatingível. O maior algoz da mulher brasileira é ela mesma, que vive procurando aprovação de outras mulheres. Temos que pensar numa mulher que comporte falhas, não criminalize seu corpo por fugir aos padrões e que aproveite momentos como a maternidade sem querer voltar às pressas à forma anterior" (MORAES apud HAAG, 2011, p.1).

Para Haag (2011), a cirurgia plástica hoje no Brasil permite a aquisição de capacidades novas, mas o uso das tecnologias tem um efeito perverso nas mulheres. O autor



denomina como o “ataque” à maternidade, onde as mulheres vivem uma tensão permanente entre ser mãe e um ser sexual. A possibilidade de cirurgia, dessa forma, acirraria o conflito, pois corrigiria os “defeitos” provocados pela maternidade no corpo pós-parto e na anatomia vaginal. Pode-se comprovar na presente pesquisa, que as entrevistadas se envergonham de uma cicatriz, seja ela no órgão genital feminino, em casos de partos naturais, ou na barriga, em caso de cesárea; não aceitam a flacidez de sua pele, já o corpo se amplia para abrigar o concepto.

Enquanto estas mesmas mulheres se sentiram realizadas com o fato de estarem grávidas, gestando um bebê, hoje, o corpo que precisou se modificar para exercer esta função, não é mais aceito pelas mesmas.

As entrevistadas relatam envergonhar-se, que precisam estar em forma novamente para poderem se mostrar para seus maridos, e até para não “atrapalhar” a vida sexual.

Todas as entrevistadas não aceitaram o corpo após o parto. Além disto, tornou-se um fator estressor na relação com o cônjuge. Passaram a não se reconhecer mais naquele corpo e a não se sentirem desejadas e *sexys*.

"Demorei um pouco também a me sentir sexy, porque meus peitos viraram alimentos e custei a acreditar que eles seriam sexy de novo... meu corpo também só voltou ao que era perto do primeiro aniversário, mas isto não me incomodava muito, o leite incomodava mais."

Para Del Priore e Amantino (2011), existe uma exclusão social quando as mulheres não estão “em forma”, que seria a negação de sua sexualidade. A mulher quando não se julga bonita torna a relação com seu corpo desprazerosa, angustiada e persecutória. Nota-se que fazem uma associação entre a beleza do seu corpo físico e a relação sexual. Muitas vezes, o homem manifesta aceitação da mulher naquela nova forma, mas a mesma se sente envergonhada:

"Ficou péssima. Meu peito, não aceito. Hoje mesmo estava falando pra ele sobre isso. Ele diz que depois se eu quiser levantar, levanto, mas que estou linda assim. Vejo que é paranóia de mulher mesmo, homem não liga."

Deste modo, as entrevistadas manifestam a ambivalência entre o ser-mãe e o ser-mulher sexual, vivenciando a corporeidade como uma “falta” a ser corrigida e sanada, como aponta Haag (2011), por métodos cirúrgicos e/ou por uma dedicação obsessiva a exercícios físicos que a façam retornar ao que era antes de ser mãe. A apontar também que os relatos



indicam uma dissociação entre maternidade e sexualidade, aparentemente mais sentida pelas mulheres, mas a ser estudada do ponto de vista masculino.

### *Sexo após o parto*

Neste item, serão relatados e comentados os trechos das entrevistas em que estar trataram do sexo após o parto.

As entrevistadas relataram ter um desinteresse sexual após o parto.

"Passado algum tempo convivendo com meu filho, perdi totalmente o interesse por sexo"  
"...as primeiras semanas, a vida sexual era inexistente, me sentia assexuada..."  
".....muito envolvida com meu filhinho e muito cansada para gastar energia com sexo."

Este desinteresse sexual por parte da mulher é fonte de mal-estar conjugal. Para as entrevistadas, a quarentena se revela um período em que a mulher, além de não poder ter relações sexuais, por recomendações médicas, também não tem desejo sexual. A quarentena acaba sendo período de moratória para a mulher em não ter de ter atividade sexual: ela não "precisa" se justificar por não ter libido, já que por questões fisiológicas, não pode exercê-las, mesmo que o marido assim o deseje.

"Bom, logo que ele nasceu, teve o período do resguardo. Tanto não podia porque não é recomendado pelos médicos como também nós ficamos os 40 dias iniciais num ritmo intenso... depois que passou este período, eu voltei a ter relações... mas meu marido ficava nervoso... foi a primeira coisa que ele perguntou ao médico: quando poderíamos ter relação sexual..."

" Me falaram que ia ser pior, que ia durar um mês sem ter... mas comigo não foi assim não, a gente consegue pelo menos duas vezes por semana".

O sexo seria mais uma pressão que a própria mulher coloca sobre si mesma, ou o homem teria dificuldade em esperar pelo tempo que sua mulher precisa para voltar a ter relações sexuais como antes de parir? Assim se expressa Diehl (2002) a respeito da pós-modernidade e o apelo constante da mídia à sensualidade e sexualidade, resultando numa ênfase em desempenho:

"O advento da pós-modernidade impôs aos homens e às mulheres formas estereotipadas



de ser e de se comportar. A mídia, cada vez mais, usa o erótico e o sensual como fontes de venda, criando novos padrões sociais de comportamento... a cada dia divulgam-se novas fórmulas, novos segredos e novas posições sexuais. Sentimentos como o carinho, o afeto e o amor dão lugar à forma e ao desempenho. O culto ao corpo perfeito transforma-se num modelo para alcançar o sexo perfeito” (DIEHL, 2002, p. 149).

Na presente pesquisa, assim se expressou uma entrevistada:

“...depois do nascimento ficamos assim: nos primeiros meses, não existiu praticamente uma vida sexual. Eu não tinha quase vontade nenhuma... isso durou uns dois meses. Se soubéssemos que iria durar tão pouco, teríamos ficado mais tranquilos..”

Nesta fala, podemos perceber a característica da atualidade de viver o aqui-agora, de modo a não ter tranquilidade para antever momentos futuros diversos dos atuais. Assim, esta mesma entrevistada aponta uma melhora no relacionamento sexual, quando questionada sobre a satisfação sexual após o parto:

“...digo até que vem melhorando... o entrosamento e o companheirismo vem melhorando a nossa vida sexual”.

É importante destacar também que existe uma preocupação da mulher em não deixar de atender às demandas do seu marido.

“meu marido ficava apreensivo achando que nunca mais teríamos o sexo de antes...”

Muitas vezes a mulher toma para ela uma inquietação de seu marido, com medo de perdê-lo, não vivendo a quarentena e o momento de entrosamento dela com o bebê de maneira mais plena.

"Eu fiquei muito preocupada quando me dei conta de que já estava acabando a quarentena e que no 41º dia, eu teria que fazer sexo com ele... não tinha libido nenhuma"

Três autoras norte-americanas, Cockrell, O’Neill e Stone (2009), a partir de suas experiências pessoais, entrevistaram



homens e mulheres em algumas cidades dos Estados Unidos para falar sobre o casal e os filhos. Um de seus capítulos versou sobre a vida sexual depois do primeiro filho. As autoras concluem que as mulheres vêem o sexo como obrigação após ter o filho, e o homem tem dele necessidade, sendo este a forma que ele encontra de comunicação com a mulher. Assim, a mulher deve se esforçar para fazer sexo mesmo sem vontade. As autoras sugerem à mulher praticar sexo oral dado este poder ser realizado rapidamente.

Esses resultados diferem dos obtidos nesta pesquisa em vários aspectos: as participantes responderam que sentiam um incômodo muito grande nas primeiras relações sexuais após o parto; sentiam-se muito mal com o seu corpo quando acabam de parir; porém, ao mesmo tempo, indicaram desejar voltar a ser elas próprias, trabalhar, ter o corpo de modo a se sentir sexy, atraente, ter uma vida social; enfim, declararam desejar voltar a se reconhecer enquanto elas mesmas. Indicaram, assim, o próprio desejo de retornar a uma vida sexual plena. Este contexto de passagem entre um estado de relativo desinteresse sexual a um ativo interesse durava cerca de seis meses, tempo variável de mulher pra mulher. No livro, as autoras colocam este período de um a dois anos. Um ponto importante responsável por esta diferença é que, enquanto as brasileiras entrevistadas tinham babá e uma ajudante do lar, as americanas não tinham.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este estudo entrevistou seis mulheres com filhos até dois anos de idade, três presencialmente, três virtualmente. A primeira consideração final é de ordem metodológica, pois não houve diferenças importantes entre estes dois modos de abordagem. De fato, algumas mulheres declararam sentirem-se mais confortáveis utilizando um meio indireto para falar de assuntos íntimos, do que conversando diretamente com a entrevistadora.

Para minimizar as diferenças de resultado entre as entrevistas presenciais e as não-presenciais, foi necessário organizar as entrevistas on-line de forma mais interativa, mantendo o objetivo do presente estudo de realizar uma pesquisa qualitativa. As pesquisas, realizadas via e-mail, seguiram o modelo de um diálogo, com uma pergunta por vez. Feita a pergunta, aguardava-se a resposta, para só então enviar uma próxima pergunta, permitindo assim, que as perguntas fossem modificadas de acordo com as respostas recebidas.

Com relação aos aspectos psicológicos e psicossociais envolvidos no processo gravídico e da parentalidade na vida do casal segundo a ótica da mulher, algumas questões se mostraram preponderantes. Durante a gravidez, devido aos processos metabólicos, fisiológicos e psicológicos alterados, a mulher desenvolve uma labilidade emocional ficando mais sensível,



com menos disposição para realizar tarefas simples que faziam parte do seu cotidiano. Houve, então, a necessidade de uma reestruturação na conjugalidade para abarcar esta “nova” mulher.

Em relação à dificuldade deste período, emergiu o modo de o marido lidar com a interrupção da vida sexual.

Com relação à sexualidade, o pós-parto foi marcado pelo sentimento geral de desinteresse sexual por parte da mulher. Os fatores motivadores deste sentimento dividiram-se em questões fisiológicas e psicológicas. A recomendação médica de quarentena foi um fator de alívio para a maioria das entrevistadas. Estas relataram ter vivido grande tensão imaginando quando este período iria terminar, pois se sentiam divididas entre estar disponível sexualmente para seus companheiros e ajustarem-se psicológica e fisiologicamente, após o parto.

Foi possível verificar também que a preocupação com o corpo que, percebido como inadequado, inibia a relação sexual, embora acompanhados de relatos de que seus maridos não se incomodavam com as mudanças decorrentes da gravidez e do parto. Assim, a preocupação excessiva da mulher com seu corpo, aliada ao desejo de prontidão sexual proveniente do marido, não foram facilitadores da vida do casal durante este período.

Apesar de viverem em um período histórico em que há fácil acesso a elementos de caráter sexual, seja na mídia, na literatura ou mesmo na forma de produtos sexuais ofertados em inúmeras *sexy shops*, as entrevistadas mostraram-se inibidas e receosas para falarem de sua vida sexual, algumas delas preferindo utilizar o e-mail para “falar” de sua intimidade sexual, sinal de que, apesar de viverem em um período de esclarecimento sexual e alta erotização, não se sentem confortáveis para falar abertamente sobre o tema. Em sua intimidade ainda existem tabus relacionados ao assunto. Essa “dificuldade” em retratar a intimidade pode deixar lacunas nos relatos.

Provavelmente devido a isto, embora muitos trabalhos estejam disponíveis sobre a conjugalidade, pouco é encontrado sobre a sexualidade em sua relação com a conjugalidade e com a parentalidade.

Um aspecto importante a ser considerado em trabalhos futuros é a contribuição do ponto de vista masculino. Relatos das questões que assolam o universo masculino durante essa fase da vida do casal são importantes para uma visão mais holística do processo.

## REFERENCIAS

BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2003.



BAWIN-LEGROS, B. **Enfants de soixante-huitards**. Une génération désenchantée. Paris: Eds Payot et Rivages, 2006.

BRASILEIRO, R. F., JABLONSKI, B., & FERES-CARNEIRO, T. Papéis de gênero, transição para a parentalidade e a questão da tradicionalização. **Psico (PUCRS)**, v. 33, n. 2, p. 289-310, 2002.

CARTER, B., & MACGOLDRICK, M. As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar. In: B. CARTER & M. MACGOLDRICK. **As mudanças no ciclo de vida familiar** (pp.7-29). Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

COCKRELL, S., O'NEILL, C., & STONE, J. **Casamento à prova de bebês**: Como ter uma relação equilibrada, manter a chama acesa e formar uma família feliz. Rio de Janeiro: Sextante, 2009.

DANTAS-BERGER, S. M., & GIFFIN, K. A violência nas relações de conjugalidade: invisibilidade e banalização da violência sexual? **Cad. Saúde Pública**, v. 21, n. 2, p. 417-425, 2005.

DIEHL, A. O homem e a nova mulher: novos padrões sexuais de conjugalidade. In: A. WAGNER (Org.), **Família em cena** (pp.135-158). Petrópolis: Vozes, 2002.

DINIZ, G. O casamento contemporâneo em revista. In: T. FÉRES-CARNEIRO (Org.), **Casal e família: permanências e rupturas** (pp. 135-156). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

FÉRES-CARNEIRO, T., & ZIVIANI, C. Conjugalidades contemporâneas: um estudo sobre os múltiplos arranjos da atualidade. In: T. FÉRES-CARNEIRO. **Casal e família: permanências e rupturas** (pp. 83-108). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

FÉRES-CARNEIRO, T. **Conjugalidades contemporâneas: um estudo sobre os múltiplos arranjos conjugais da atualidade**. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2011.

FIGUEIREDO, B., PACHECO, A., COSTA, R., & MAGARINHO, R. Qualidade das relações significativas da mulher na gravidez. **Psicologia: Teoria, Investigação e Prática**, n.1, p. 3-25, 2006.

FLICK, U. **Introdução á pesquisa qualitativa**. 3ed. Porto Alegre: Artmed/ São Paulo: Bookman, 2009.



GIDDENS, A. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas.** São Paulo: UNESP, 1993.

GOMES, A. J. S., & RESENDE, V. R. O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 20, n. 2, p. 119-125, 2004.

HAAG, C. A economia das aparências: cirurgias plásticas reforçam ideal do corpo como capital social. **Revista Pesquisa FAPESP**, n. 187, p. 1-5, 2011.

JABLONSKI, B. Afinal o que quer um casal? Algumas considerações sobre o casamento e a separação na classe média carioca. In: T. FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.), **Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas** (pp. 141-168). Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2003.

MACGOLDRICK, M. A união das famílias através do casamento: o novo casal. In B. CARTER, & M. MACGOLDRICK. **As mudanças no ciclo de vida familiar** (pp.184-205). Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

MALDONADO, M. T. **Psicologia da gravidez.** São Paulo: Saraiva, 1997.

NICHILO, M. (1995). A crise de casal entre pseudo-reciprocidade e emancipação. In M. ANDOLFI, C. ÂNGELO & C. SACCU. **O casal em crise** (pp. 155-161). São Paulo: Summus, 1995.

ORLÁ, M. O. B., ALVES, M. D. S., & SILVA, R. M. Repercussões da gravidez na sexualidade feminina. **Enfermagem UERJ**, n. 12, p. 160-165, 2004.

PERLIN, G., & DINIZ, G. Casais que trabalham e são felizes: mito ou realidade? **Psicologia Clínica**, n. 17, p. 15-20, 2005.

PERROT, M. A família triunfante. In: M. PERROT (Dir.), **História da vida privada, 4: da revolução Francesa à Primeira Guerra** (pp. 93-104). São Paulo: Companhia das Letras, 1991. (Original 1987).

PRIORE, M. D., & AMANTINO, M. **História do corpo no Brasil.** São Paulo: Ed. UNESP, 2011.

RESENDE, V. R. A paternidade e o resgate da experiência humana do homem [Resumo]. In UNESP (Org.), **Anais, III Fórum de Debates em Extensão Universitária e Assuntos**



**Comunitários** (p. 46). Bauru: UNESP, 1997.

ROUDINESCO, E. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SARTI, C. A. A família como ordem simbólica. **Psicologia USP**, v. 15, n. 3, p. 11-28, 2004.

SILVA, A. I., & FIGUEIREDO, B. Sexualidade na gravidez e após o parto. **Psiquiatria Clínica**, v. 25, n. 3, p. 253-264, 2005.

SINGLY, F. **Sociologie de la famille contemporaine**. 4. ed. Paris: Armand Colin, 2010.

TEIXEIRA, L. C., PARENTE, F. S., & BORIS, G. D. B. Novas configurações familiares e suas implicações subjetivas: reprodução assistida e família monoparental feminina. **Psico PUCRS**, v.40, n.1, p. 24-31, 2009.

TOURAINÉ, A. **Crítica da Modernidade**. Petrópolis (Rio de Janeiro): Ed. Vozes, 1999.